



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

23 | 2018

Ponto Urbe 23

Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade

Clara de Assunção Azevedo e Felipe Gabriel Oliveira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5906>

DOI: 10.4000/pontourbe.5906

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Clara de Assunção Azevedo e Felipe Gabriel Oliveira, « Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 25 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5906> ; DOI : 10.4000/pontourbe.5906

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 Junho 2019.

© NAU

Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade

Clara de Assunção Azevedo e Felipe Gabriel Oliveira

Outras cidades, outros carnavais

- 1 O tema do carnaval das escolas de samba foi explorado nos últimos anos em diferentes abordagens. Por serem agremiações que organizam uma série de grupos e ofícios, múltiplos planos (Cavalcanti & Gonçalves, 2015) de análise têm sido matéria de trabalhos sociológicos, antropológicos, historiográficos, musicológicos, entre outras perspectivas acadêmicas. Maria Laura Cavalcanti, em sua célebre obra *Dos Bastidores ao Desfile* (2006), que já inspirou muitos estudos posteriores, traz uma das ideias importantes para a compreensão desse fenômeno social. Sua proposta se baseia em encarar o carnaval das escolas por meio de três prismas: o da dimensão agonística, que possibilita abordar a grande rivalidade durante o concurso de desfiles; o da forma artística altamente complexa, organizada a partir de um tema geral (chamado de “enredo”) e transposta em linguagens plásticas e musicais, que dá contorno à dimensão espetacular e festiva do cortejo; e o da dimensão do desfile como um canal de expressão e mediação de processos urbanos mais amplos¹.
- 2 Apostando nesses prismas como apropriados para trabalhar o universo das escolas de samba e suas interconexões com outros campos da vida, e partindo principalmente do terceiro aspecto, mas não ignorando os outros dois, propomos aqui o exercício de apontar possíveis processos que atravessam, relacionam, tensionam ou retroalimentam o carnaval de São Paulo – especialmente da região metropolitana, mas, quando possível, trazendo pistas também sobre aspectos dessa manifestação no interior e litoral paulistas.
- 3 Vale mencionar que há uma desproporção evidente quando nos debruçamos sobre os registros do carnaval das escolas de samba no estado de São Paulo – o volume mais expressivo de informações documentais e bibliográficas acessíveis e existentes sobre o

carnaval das escolas de samba paulistas concentra-se especialmente na experiência vivenciada na capital que, por isso, será privilegiada. Mas a abordagem aqui proposta tem de saída ainda o desafio de lidar com outra desproporção regional de estudos sobre o tema: enquanto o olhar para esse fenômeno, no Rio de Janeiro, ganhou registros dos mais variados e por diferentes lentes, não se pode dizer o mesmo de São Paulo, cujos estudos e bibliografias de referência existem em volume menor e, conseqüentemente, cobrem menos aspectos e dimensões do fenômeno.

- 4 Certamente, esse desequilíbrio no registro de memórias sobre o carnaval das escolas de samba ocorre, em grande parte, em função da evidência e projeção que as escolas do Rio de Janeiro (capital e cidades próximas) conquistaram ao longo do século XX, o que fez inclusive com que seu modelo, mesmo que em parte, inspirasse outros carnavais, incluindo os paulistas. Durante o processo tardio de oficialização do apoio municipal às agremiações da “capital da garoa”, por exemplo, grande parte da regulamentação que organizava à época os desfiles das escolas foi adotada a partir do regulamento carioca. Esse fato somado a todo um imaginário que conferiu uma espécie de “selo de autenticidade” ao carnaval carioca, em detrimento de outros carnavais, contribuiu para por vezes desacreditar o carnaval de São Paulo até mesmo entre as pessoas que participam ativamente de sua organização. Tanto o carnaval da cidade como o do estado, recorrentemente, foram e ainda são vistos como inautênticos, sendo comparados por alguns a uma mera tentativa de reprodução das agremiações da “cidade maravilhosa” (Azevedo, 2010; Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018).
- 5 Contudo, como Cavalcanti ressalta, “(...) as escolas de samba têm seu próprio regime de autenticidade cultural e rearticulam-se sempre com a produção de identidades locais as mais diversas, cujo conteúdo e significado cultural não pode ser determinado de antemão” (Cavalcanti, 2015: 231). Assim, apesar da correspondência entre os formatos institucionais e as próprias apresentações públicas, as escolas de samba sempre terão um conteúdo distinto e gozarão de significados construídos por meio das relações existentes em seu contexto político e social.
- 6 Por isso, olhar para os processos urbanos acessíveis por meio do carnaval das escolas paulistas pode ser um bom exercício para entender como essa festa organiza e é organizada por uma série de relações sociais mais amplas, que dão sentidos particulares a sua existência. O grande ritual urbano dos desfiles de carnaval, nessa perspectiva, seria o momento ápice no qual grupos, saberes e práticas estão intermediados, em disputa, em sistemas de troca, entre outras formas de correlação, que podem iluminar aspectos profundos da experiência social contemporânea (Cavalcanti, 2015: 9). Os enredos que inspiram os desfiles, inclusive, são peças-chave na orientação desse espetáculo pois “(...) promovem a cada ano imensas conversas urbanas sobre os mais diferentes assuntos” (Cavalcanti, 2015: 25) e problematizam até a noção de modernidade nas diferentes cidades, metrópoles ou não.
- 7 Vale pontuar, ainda, que a trajetória do carnaval em São Paulo se entrelaça com a história e trajetória dos grupos negros na cidade e no Estado: as escolas de samba apontam para uma rede de sociabilidades, com circuitos e fluxos² específicos, práticas e espaços marcadamente negros. Por isso, olhar para a história das escolas de samba e de seus sujeitos também é identificar espaços de territorialização de memórias negras paulistas, muitas vezes pouco registradas, contadas e valorizadas pela história oficial, mas que, em contrapartida, são parte de uma vivência cultural resistente a processos de homogeneização (como os produzidos pela ideologia do branqueamento) e que

salvaguarda conhecimentos, práticas, técnicas e artefatos que envolvem diferentes âmbitos da vida social, sendo o carnaval entendido aqui como um dos importantes elos que interconecta outras expressões e práticas.

As escolas paulistas

- 8 No senso comum, em geral são os desfiles o fato mais lembrado e associado ao carnaval das escolas de samba. Não à toa, pois trata-se, justamente, da parte mais visível de um conjunto de práticas, lugares, modos de fazer e viver representativo de uma trama experimentada por aqueles que participam dessa expressão urbana: modos de ser e viver que constituem um *ethos* e mobilizam identidades sociais e artísticas. Contudo, o exercício aqui buscará tirar a lente dos desfiles para dar luz à trajetória e vivência do carnaval das escolas de samba em São Paulo e suas interrelações com outras dimensões da vida, buscando explicitar particularidades nos modos pelos quais essa manifestação foi e é experienciada na capital e no restante do estado.
- 9 É importante apontar, como já mencionado, que são precárias as fontes que dizem respeito à realidade do carnaval nas cidades do interior, o que fez com que a escrita deste texto trouxesse mais detalhes sobre a capital, que foi e ainda é, sem dúvida, um polo importante para o universo carnavalesco, seja por concentrar muitas agremiações, seja por ser um centro de produção e comércio de bens necessários para as atividades das escolas. Registramos aqui, inclusive, a grande premência em se buscar mais dados e em se realizar novos estudos sobre a presença dessas entidades no interior paulista.

Raízes e troncos

- 10 Antes do apogeu e grande predominância das escolas de samba, outras manifestações se faziam presentes nas terras paulistas. Durante as primeiras décadas do século XX, na capital, eram famosos os corsos e os cordões carnavalescos. O primeiro, que dava nome a um desfile de carros de luxo enfeitados por segmentos abastados da sociedade e que ocupavam logradouros de prestígio como a Avenida Paulista, contrastava com a população negra e pobre dos cordões, espécies de blocos fantasiados que dançavam, batucavam e tocavam marchas-rancho com instrumentos de sopro e cordas (Simson, 2007). Esse último formato foi ganhando o gosto do público e consolidando os grupos que assumiram posteriormente o modelo de escola de samba. Esse fortalecimento se deu principalmente nas décadas de 1920 e 1930, período em que tal cortejo em procissão adotou o samba e suas marchinhas como trilha sonora para as aparições públicas. O Grupo Carnavalesco Barra Funda foi um dos primeiros cordões a serem criados (1914) e é até hoje atuante em São Paulo, tendo assumido o formato de escola de samba em 1972 com o nome de Camisa Verde e Branco.
- 11 E foi a partir da década de 1930 que começaram a surgir as escolas. A mais antiga da capital paulista ainda em funcionamento é a Lavapés, fundada em 9 de fevereiro de 1937 por Deolinda Madre, uma piracicabana conhecida como Madrinha Eunice, e por seu esposo, o italiano Francisco Papa (Silva, Azevedo et al., 2004). No interior, a mais longeva, segundo levantamento que pudemos realizar, é a Bambas, de Ribeirão Preto, criada pelas famílias Amâncio e Santos, em 1927. Nascida como cordão e também se convertendo posteriormente em escola, a agremiação estava comprometida em possibilitar a participação negra durante o carnaval, usufruído geralmente pelas classes médias e altas

brancas do município. Assim como a Lavapés, sua primeira liderança foi uma mulher negra, Paula Santos, esposa de Xiliam Santos (Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018).

- 12 Ao longo das décadas seguintes, a base social das agremiações foi se ampliando e se fortalecendo politicamente a ponto de conseguir estabelecer certas parcerias e apoios com poderes privados, como comércio local, rádios e jornais, além dos novos públicos. Ainda no ano de 1932, por exemplo, a Prefeitura paulistana, por meio da Comissão de Divertimentos Públicos, criou um concurso de músicas e marchas carnavalescas, à luz dos “eventos cariocas”, postura que se tornou passageira mas chegou a ser vista também como um aceno da municipalidade em favor da organização dos desfiles (Moraes, 2000).
- 13 A referência aos “eventos cariocas” expressa o peso que os festejos do Rio de Janeiro desfrutavam em meio aos foliões e sambistas de São Paulo, relação que estreitava pessoas, práticas e saberes entre as duas metrópoles. Líderes como Dionízio Barbosa (Camisa Verde e Branco), Carlão do Peruche (Unidos do Peruche), Madrinha Eunice (da já citada Lavapés) e Seu Nenê (Nenê de Vila Matilde) visitavam a então capital do país com certa frequência e foram precursores dessa circulação entre as escolas, aprofundadas a cada carnaval.
- 14 Nesse contexto do anos de 1930, 40 e 50, o surgimento e a consolidação das agremiações, fortalecidas por esses intercâmbios, corresponderam a um processo complexo e difícil de legitimação e legalização dessa manifestação e desse tipo de associação, praticadas pelos grupos negros e pobres ainda marginalizados simbólica, espacial e politicamente na cidade (Azevedo, 2010). Com a urbanização intensa e desenfreada a partir da década de 1950, os núcleos de samba que ocupavam regiões mais centrais, como Bixiga, Barra Funda e Glicério, foram jogados cada vez mais às margens da cidade. Com o interesse político voltado ao “progresso”, havia a tentativa da construção de uma São Paulo moderna, industrializada e polo de trabalho e progresso, em detrimento de seu passado escravagista, rural e provinciano. No samba, ao invés de se cantar Geraldo Filme, ícone negro da Bela Vista, era o samba “italianado” de Adoniran Barbosa que conseguia romper a barreira social e tomar os refrãos em protesto (Silva, Azevedo et al., 2000; Conti, 2015; Moraes, 2000).

Nessa autoimagem paulistana, pautada pela afirmação de seu cosmopolitismo e pela valorização de elementos culturais identificados com a vanguarda, pouco espaço resta para um gênero musical reiteradamente associado à mestiçagem, a brasilidade e à cultura tradicional. Constata-se, assim, que o samba não encontra lugar na memória oficial da cidade, que reivindica e abriga movimentos musicais como a Tropicália, a Música Nova ou a Vanguarda Paulista, mas que pouca atenção dispensa às manifestações culturais negras, haja vista que o reverenciado representante do samba de São Paulo é Adoniran Barbosa, branco, com acentuado sotaque caipira e de descendência italiana. (Conti, 2015: 21)

- 15 Mas a resistência à tentativa de silenciamento ocorria em alto e bom tom em diversos pagodes, que utilizavam esse descaso como inspiração para suas respostas pelos versos. O próprio Geraldo Filme cantava que “o povo paulista também sabe sambar” e que “na Barra Funda [um dos bairros operários cidade] também tem gente bamba” (Silva, Azevedo et al., 2004; Conti, 2015).
- 16 Apesar desse engajamento, o interesse governamental em apoiar as entidades na capital apenas acontece no final da década de 1960 (o primeiro desfile oficializado ocorre em 1968), o que pode ser considerado tardio, como também o foi no restante do estado. Situação bem distinta à dos cariocas, cujo início da parceria com a municipalidade data de 1935, e já nasce fortalecida pelas medidas que almejavam a criação de uma “identidade

brasileira” a partir de manifestações como o carnaval, durante o governo de Getúlio Vargas.

- 17 É importante dizer que o movimento dos sambistas em São Paulo ganhou força ao longo da década de 1960 pelo espaço que as composições foram ganhando nas rádios e também pelos estudos e encontros promovidos por pesquisadores folcloristas junto aos foliões. São eles: o 1º e o 2º Congresso Nacional do Samba, respectivamente, nos anos de 1962 e 1963, na cidade do Rio de Janeiro; o 1º e o 2º Simpósio do Samba, realizados nos anos de 1966 e 1967, ambos na cidade de Santos, em São Paulo; e o 3º Simpósio do Samba, organizado novamente no Rio, em 1969. Esses momentos foram de intensa troca entre representantes das mais diversas entidades (além das escolas, órgãos governamentais, jornais etc.) e localidades, constituindo-se como fóruns onde se discutiu uma série de polêmicas para que fosse possível certa uniformização das manifestações. Por exemplo, a abolição dos instrumentos de sopro das baterias tornou-se consenso durante esses eventos. Tais simpósios e encontros demonstram o dinamismo e as trocas entre grupos, lugares, concepções, modos de fazer e saber: com a preocupação de definição do que é uma escola de samba, os espaços de intercâmbio de informações foram determinantes para a continuidade dos desfiles e demais atividades das entidades (Azevedo, 2010). Tal definição sem dúvida firmou as pontes e o diálogo entre as expressões dos diferentes lugares, que, apesar da adoção de elementos comuns e padronizados, mantiveram também relações profundas com suas trajetórias locais. Nesse sentido, é possível afirmar que o processo de oficialização atendia aos interesses de ambos lados em negociata, já que o modelo de carnaval poderia prover estrutura financeira para a realização das apresentações e, por outro lado, exploração da economia do turismo e do entretenimento pelos patrocinadores nos dias de Momo.
- 18 Pode-se dizer, ainda, que a oficialização do carnaval das escolas pela prefeitura da cidade serviu como incentivo para a fundação de novas escolas. Esse apoio foi concomitante ao aumento do público e da base social das escolas de samba, sendo que de 78 agremiações que desfilaram em 2012, por exemplo, 21 (27%) foram fundadas na década de 1970 (período logo posterior à decisão), 13 (17%) delas na década de 1980 e mais 13 (17%) nos anos 90³. Certamente, existe uma correlação entre a subvenção financeira, que pode ter sido um grande incentivo, e a criação de entidades. A oficialização coloca essas manifestações em destaque na agenda pública e promove um evento também explorado pela mídia e pelos patrocinadores, o que sinaliza, entre outros aspectos, o investimento crescente e interessado na chamada espetacularização dos desfiles. Tratam-se de negociações entre escolas e poderes públicos e privados que resultam em acordos sobre como devem ser os desfiles e a quem eles podem atender e interessar, em uma tensão constante.
- 19 Para Silva et alli (2004), é possível fazer uma periodização do carnaval paulistano. As primeiras décadas do século XX poderiam ser consideradas o período heroico das agremiações, já que não havia apoios institucionais e os grupos eram acometidos pela perseguição policial. As décadas de 1950 e 1960 poderiam ser consideradas constituintes de um período de transição dessa situação de desorganização e marginalidade para uma condição de institucionalização e articulação entre as entidades. Enfim, nas últimas décadas do XX, sobretudo a partir dos anos 1980, é possível observar um período de formatação de um modelo burocratizado e profissional do carnaval das escolas de samba. Como os autores mostram em sua pesquisa sobre a trajetória de Geraldo Filme, associado ao Vai Vai⁴ e que atuou como liderança entre as diversas escolas durante certo período,

esse último momento não ocorreu sem resistências de seus participantes. O compositor, também conhecido como Geraldão da Barra Funda, criticava principalmente o que chamava de “espetacularização do carnaval”.

Esse aí é o perigo do desfile, do espetáculo, isso aí não é carnaval. Carnaval é povo na rua, pulando, dançando, criatividade espontânea, bruxa, mulher, cada um se vira, veste como quer [...] que esse tipo de coisa que eu considero carnaval. O que nós fazemos [...] é espetáculo. (Depoimento de Geraldo Filme, MIS-CERU, 1981, p. 1)

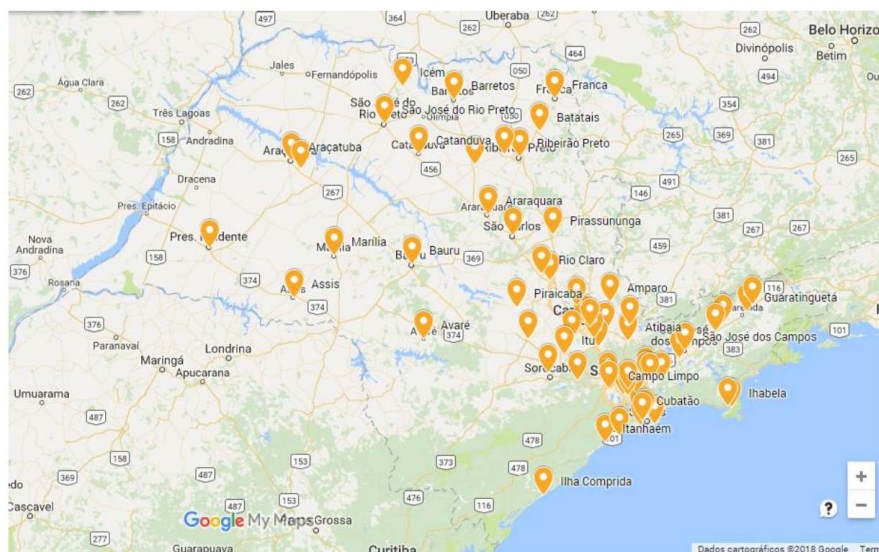
- 20 O sambista afirmava que a forma de desfile que as escolas propunham não valorizava as pessoas no carnaval, mas sim o luxo e a extravagância das fantasias e dos carros alegóricos. Em depoimento ao Jornal Hora do Povo, em 4 de novembro de 1995, disse que “os passistas não têm mais espaço para sambar. No pouco espaço que sobra, são atropelados por carros alegóricos”. Essas propostas de cortejo, nesse sentido, parecem dar mais foco ao aspecto visual do que ao “sambar” de seus integrantes, algo que pode estar intimamente ligado ao processo de espetacularização, como apontado por Geraldo.
- 21 Foi em 1991, mais de vinte anos após a oficialização dos desfiles na cidade, que ocorreu uma nova ação do poder público em prol dos desfiles: a criação do Sambódromo do Anhembi. Até então, os desfiles das escolas de samba ocorriam na Avenida Tiradentes, no bairro da Luz, centro da capital paulista, onde era montada uma estrutura provisória de arquibancadas, sistemas de som, iluminação, comércio de alimentos e bebidas e decoração. Na gestão da prefeita Luiza Erundina, optou-se pela criação de um espaço que agregasse todas as necessidades dos desfiles das escolas, uma estrutura permanente que desse condições de o evento ser explorado como atrativo turístico pela cidade.
- 22 No período, a criação de órgãos e novos fomentos para as áreas da cultura e do turismo, com políticas públicas para os setores, como apontado por Belo (2009), proveu um contexto propício para iniciativas mais robustas voltadas ao carnaval. O governo federal havia criado incentivos como a Lei Rouanet (1991) e a do Audiovisual (1993); em âmbito estadual, um pouco antes, foi criado o Memorial da América Latina, erguido na região da Barra Funda, em São Paulo; e, na municipalidade, tomava-se uma série de medidas para o fortalecimento do turismo urbano. Aliás, no Rio de Janeiro, em 1984, havia sido construído o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, destinado a receber os desfiles das entidades cariocas, modelo que pode ser visto como de inspiração para a criação do projeto de Erundina. A construção desses espaços destinados especificamente aos cortejos, tanto no Rio como em São Paulo, implicou uma espécie de verticalização dos desfiles, na qual os carros alegóricos ganharam extensão e altura e as fantasias aumentaram de proporção, o que acabou por diminuir o espaço do sambar e, conseqüentemente, dos movimentos, expressões e existência dos corpos dos integrantes.
- 23 Apesar das polêmicas levantadas por integrantes e diretores sobre essa nova dinâmica dos desfiles, instaurada no fim do século XX, o mundo que pode ser acessado por meio desse momento ápice é complexo e articula outras esferas da vida social desses grupos.

Territórios

- 24 Registros mais antigos sobre a presença de escolas de samba no estado São Paulo são raros. As informações que retratam os primórdios do carnaval que conhecemos, a partir dos anos 1910, 1920, são rarefeitas e concentram-se sobretudo em informações da capital. Para termos uma ideia da dimensão e espraiamento territorial das escolas de samba no estado de São Paulo, tomamos como base um levantamento preliminar feito pelos autores

(Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018) em sites da internet baseados em preenchimento livre, ou seja, que recebem informações e sugestões via e-mail e que são posteriormente publicadas⁵. Tais fontes, assim, contêm apenas indícios que ajudam a começar a descortinar o panorama estadual, que, acreditamos, é muito mais extenso.

- 25 Na pesquisa a partir da plataforma Brasil Carnaval, por exemplo, foi identificada a existência de pelo menos 66 cidades paulistas com presença de escolas de samba, que totalizam cerca de 570 agremiações espalhadas por todas as regiões administrativas do estado. Não foi possível identificar quais delas ainda estão em pleno funcionamento, mas apostamos que esse número é maior, pois, apenas para dar um exemplo, a cidade de Campos do Jordão não aparece na plataforma, mas reconhecidamente possui escolas de samba⁶.
- 26 Em comparação com outros estados, é notável a grande presença de agremiações em solo paulista. Justamente no Rio de Janeiro, por exemplo, são 382 escolas espalhadas pelo estado. Na Bahia, 35 escolas identificadas no site. No Paraná, são 108 entidades⁷. Certamente, para se ter uma dimensão comparativa mais precisa desses dados, deve-se levar em conta o tamanho da população e a extensão geográfica de cada unidade federativa, o que não será aqui realizado por não ser o propósito e por falta de dados mais substanciais e fidedignos. Todavia, é inegável a presença expressiva da manifestação em solo paulista.



Mapa 1.

Fonte: Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018

- 27 O mapa aponta para uma distribuição por todas as regiões do estado, seja litoral, oeste paulista, Vale do Paraíba, com maior concentração ao redor da capital (São Paulo concentra atualmente 71 entidades, segundo dados da SPTuris). Dos municípios, 22 contam com pelo menos 10 escolas de samba, podendo destacar Campinas (14), Praia Grande (15), Santo André (16), Suzano (17), Santos (18) e São Bernardo do Campo (19). A seguir, esses números são apresentados de acordo com as demais cidades.

Número de Escolas por Cidades					
Nº de Escolas	Cidade	Nº de Escolas	Cidade	Nº de Escolas	Cidade
71	São Paulo	6 a 9	Barretos	2 a 5	Araçatuba
15 a 19	S. Bernardo do Campo		Bauru		Campos Limpo
	Santos		Mauá		Catanduva
	Suzano		Taboão da Serra		Cubatão
	Santo André		Itaquaquecetuba		Indaiatuba
	Praia Grande		Rio Claro		Itatiba
10 a 14	Campinas		S. Caetano do Sul		Jaboticabal
	Araraquara		S. José dos Campos		Paulinia
	Guaratinguetá		Batatais		Valinhos
	Bragança Paulista		Jacarei		Amparo
	Guarujá		Pindamonhangaba		Assis
	Jundiaí		Poá		Avaré
	Lorena		S. José do Rio Preto		Cordeirópolis
	São Vicente		Ilhabela		Diadema
	Atibaia		Itanhaém		Louveira
	Ferraz de Vasconcelos	Itu	Marília		
	Franca	Presid. Prudente	Mongaguá		
	Mogi das Cruzes	São Roque	São Carlos		
	Osasco	São Sebastião	Sertãozinho		
	Piracicaba		Birigui		
Ribeirão Preto		Tietê			
Sorocaba		Icém			
Taubaté		Ilha Comprida			
			Pirassununga		

Tabela 1.

Fonte: Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018

- 28 Outro ponto interessante sobre a presença desse tipo de manifestação e mobilização em São Paulo está nas datas de fundação das escolas. De acordo com os dados disponíveis no Portal Brasil Carnaval, por exemplo, considerando as escolas que nasceram como cordões ou blocos (e posteriormente vieram a se tornar escolas de samba), há registros da existência de entidades desde a década de 1910, na capital do estado, e de 1920, no interior. Em São Paulo, as pioneiras até hoje em atividade são Camisa Verde e Branco (criada em 1914 como cordão e transformada em escola no ano de 1972), Vai Vai (fundada como cordão em 1930, convertida em escola também em 1972) e Lavapés (criada já como escola de samba em 1937).
- 29 Já ao longo do estado, a escola mais longeva é a Bambas, criada em 1927, em Ribeirão Preto (nascida também como bloco). Em 1936, em Barretos, nasceu a Estrela D'Oriente. No ano de 1944, em Santos, foi fundada a primeira X-9, que posteriormente influenciou a criação de inúmeras escolas por São Paulo, sendo a mais antiga a X-9 Paulistana, de 1975. Pode-se citar ainda a Coração de Bronze, fundada em 1948, no município de Catanduva.

Períodos de Fundação de Escolas de Samba			
Década	Número de Escolas		
	Interior	Capital	Total do Estado
1910	0	1	1
1920	1	0	1
1930	1	1	2
1940	5	1	6
1950	3	3	6
1960	11	6	17
1970	67	17	84
1980	75	18	93
1990	73	11	84
2000	128	10	138
2010	15	2	17
Totais:	379	70	449

Tabela 2.

Fonte: (Azevedo, Gabriel Oliveira et alli, 2018)

- 30 Tudo indica, a partir dos dados apresentados, que o fenômeno das escolas de samba no estado ainda é crescente. Desde a década de 1970, houve um aumento vertiginoso no número de escolas fundadas, índice que se alargou até os anos 2000, quando foram criadas nada menos do que 138 novas escolas pelo estado. Como já mencionado, um estudo mais aprofundado poderá detalhar mais esse processo que pode ter relação com a oficialização pelas prefeituras municipais do apoio aos desfiles em um contexto de maior preocupação com o financiamento público em favor de grupos artísticos.
- 31 De todo modo, o mergulho nesse universo torna evidente que falar de escolas de samba em São Paulo é tratar de um universo amplo e complexo no qual os foliões se organizam anualmente para festejar, sambar, competir e dar sentido ao mundo ao seu redor por meio do carnaval, direta ou indiretamente. Com isso, inúmeros espaços são ressignificados por seus usos, o que cria sociabilidades específicas e práticas de lazer populares e marcadamente negras. Muitas delas expressam essa relação em seus próprios nomes, prestando reverência ao bairro de origem: Unidos do Peruche, Acadêmicos do Tatuapé, Unidos de Vila Maria, Nenê de Vila Matilde, Império de Casa Verde, entre outros, se ficarmos no exemplo de São Paulo capital.
- 32 Alguns estudos aprofundaram essas questões, como os da antropóloga Ieda Marques Britto (1986), o da historiadora Olga von Simson (1989; 2007), do geógrafo Alexandre Dozena (2009) e do antropólogo Bruno Pereira (2017), explorando como a ocupação espacial das classes baixas e, particularmente, da população negra podem ser compreendidas por meio do estudo das práticas de samba e do carnaval das escolas. Por exemplo, na capital do início do século XX, regiões periféricas à época como Bixiga (Bela Vista) e Barra Funda eram territórios de migração de negros libertos e seus descendentes. Essa população, ao longo do tempo, foi sendo cada vez mais empurrada a novas margens por processos de especulação imobiliária e de gentrificação que até hoje estão em operação. O caso da escola Príncipe Negro, do bairro Cidade Tiradentes, é exemplar para entender o modo pelo qual a população negra e pobre vai sendo marginalizada social e espacialmente, mas leva consigo suas práticas de samba, como relata sua atual presidente, Rossimara Isaías.

O diferencial da gente é que a gente chegou no bairro quando o bairro tava nascendo, então, a gente conseguiu enraizar legal aqui. Não sei quantos anos tem a Vila Prudente, mas 30 anos é um bairro super novo. Os bairros aqui tem idade de mais de 100 anos, a gente aqui é bebê, né? E a [Cidade] Tiradentes cresceu muito, é a maior COHAB da América Latina em termos de infraestrutura. (Rossimara, presidente da Príncipe Negro. Entrevista realizada em 05/09/2018)

- 33 Essa sociabilidade acaba por mobilizar diferentes práticas e conhecimentos que podem fortalecer um sentimento de identidade das pessoas com o território onde estão localizadas as entidades. Presidente da escola mais nova da capital paulista, a Isso Memo, fundada em 2007, Cláudio Scabin afirma que um bom funcionamento de uma escola passa necessariamente pela mobilização dos moradores do bairro onde as atividades acontecem.

O carnaval, a magia do carnaval é você agregar o bairro. Se procurar ali no bairro, você tem de tudo, que muitas vezes você não tem. Umas coisas assim que mais nos “emotiva” “é” às vezes você dar uma volta no quarteirão e ter aquele senhor de terceira idade que sai com andador atrás do bloco, sabe? Aí, de repente, aparece um médico, você nem imagina o rapaz que fazia ali ... Ou se precisar de alguma coisa, estamos aí e a gente valoriza o bairro. Gente costura..., por exemplo, a gente tá começando agora, mas já vem pessoas nos procurar aqui no bairro. Olha, se tiver alguma coisa pra gente costurar... Estamos movimentando o bairro. Aí a gente busca o quê? Aqui dentro do Isso Memo, a gente busca, a gente procura não importar gente de outro bairro. Nada contra, sabe? Mas a gente prioriza o nosso bairro. E eu acho que é o que é a magia do Isso Memo. (Claudio Scabin, presidente da Isso Memo. Entrevista realizada em 14/09/2018)

- 34 As escolas acabam sendo agregadoras dos moradores e operam como um incentivo para a cooperação e outras práticas coletivas, de mútua ajuda e troca. Parte das agremiações possui uma sede social, chamada de quadra, onde essas atividades encontram um importante espaço de sociabilidade. Como descreve um folião:

É a quadra que abriga os nossos aniversários, nossos noivados, casamentos. É o lugar onde varamos madrugadas com sono e frio, que nem bobos, decorando para a festa que será no dia seguinte (...) Gosto de tudo na minha quadra: o piso irregular, o problema de acústica, aquela poeirinha que teima em se acumular nas cumeeiras da cobertura, a imagem do nosso padroeiro São Judas, cada uma das luminárias, os erros de português nos cartazes, cada um dos bares, aquelas placas que narram a via sacra da nossa história, as goteirinhas que quanto mais se arruma mais aparecem.)⁸

- 35 Se voltarmos o olhar com atenção aos nomes das escolas, temos outras pistas de todo esse multifacetado universo social. Para além da já citada relação territorial, as escolas de samba – como já fica explícito no uso do termo “escola” – denotam em seus nomes a ideia de que são lugares de saber: Faculdade do Samba Barroca Zona Sul, Acadêmicos do Tucuruvi, Acadêmicos do Tatuapé, etc. Existem também a alusão a sociedades de corte, que pode ser lida como ligações com uma certa herança africana: Império da Casa Verde, União Imperial, Imperatriz da Pauliceia, Embaixada do Morro, por exemplo. A jocosidade, típica dos carnavais, também aparece: Isso Memo, Só Vou Se Você For, Unidos de Quem Vier, entre outros. E, por fim, podem aparecer alusões à valorização de identidades étnico-raciais – escolas como Príncipe Negro e Pérola Negra, por exemplo. Assim, por meio da forma pela qual são nomeadas, é possível refletir sobre facetas do cotidiano desses grupos e suas formas de mobilização, inspiradas em valores de união, identidade e lazer, constituindo cotidianamente uma sociabilidade específica que parte do carnaval, mas vai para além dele.

Nas esquinas da cidade

- 36 As escolas de samba, desde o início, se estabeleceram como agências articuladoras de uma vasta rede de relacionamentos que conseguiram com certo sucesso transpor fronteiras de classe e de raça (Cavalcanti, 2015: 228). O desfile exerce um papel fundante, já que acaba norteando todo o ciclo carnavalesco anual, desde a escolha do enredo, passando pelo processo interno de escolha do samba-enredo, a produção das alegorias e fantasias, os ensaios dos diferentes segmentos de foliões e, por fim e como momento ápice, a apresentação no sambódromo. O enredo, nesse sentido, toma lugar como um vetor simbólico e sociológico por promover inúmeras conexões e relações urbanas e interurbanas, capaz de aninhar-se em diferentes cidades e contextos regionais. Tal tema mobiliza os sambistas e congrega mais pessoas para a produção do desfile de carnaval.
- 37 Mesmo sendo o desfile um princípio organizativo, pode-se afirmar que as escolas se conectam e complementam outros âmbitos da vida social de seus integrantes, para além do carnaval. A seguir, pinçaremos com alguns exemplos de como podemos vislumbrar outras sociabilidades relacionadas às agremiações e como essas instâncias contribuem para acessar particularidades do carnaval paulista.

Identidades Negras

- 38 O discurso de que as escolas de samba são espaços democráticos de encontro de diferentes grupos sociais é bastante difundido. É verdade que sua organização se baseia em uma abertura ao público interessado tendo em vista o fortalecimento econômico da instituição e a produção dos desfiles (que requer atualmente cerca de 3 mil componentes no Grupo Especial de São Paulo, capital, por exemplo). Todavia, quando focalizado o núcleo das diretorias e dos integrantes mais assíduos, é facilmente notável a presença da população negra. Olhar para a história de cada entidade e para história desse carnaval é olhar para uma parte importante da história dos negros em São Paulo. As escolas, desde a fundação das primeiras até hoje em dia, constituem-se como um espaço de articulação dessa população, de lazer e também de busca por melhores condições financeiras (muitas artistas e muitos artistas utilizam as escolas estrategicamente para divulgar seus trabalhos), sendo que algumas mais que outras evidenciam essa postura de valorização negra nos enredos, nos eventos em suas sedes e debates por exemplo.
- 39 Um caso emblemático é o do Vai Vai. O antropólogo Reinaldo da Silva Soares (2006), ao estudar o dia a dia da escola, afirma ser uma escola que constrói um determinado estilo de vida a partir de uma “sociabilidade negra”, baseada em uma linguagem específica, laços de amizade, acordos de fidelidade, postura de valorização da beleza negra e estabelecimento de relações de igualdade entre classes sociais e grupos raciais. O calendário do Vai Vai compreende datas como a Festa do 13 de Maio, dia da abolição da escravidão no Brasil, oportunidade em que é promovida a Lavagem da Escadaria da Rua 13 de Maio junto ao grupo Ilú Obá de Min, afoxé formado apenas por mulheres. São realizadas uma série de festas em homenagens a santos católicos, como a que ocorre após a procissão e a missa em louvor a São Benedito e a Feijoada de Ogum. Além disso, é uma escola conhecida por levar à passarela enredos com temas da negritude. Desde o carnaval de 2017, foram homenageados a babalorixá Mãe Menininha do Cantois, o músico Gilberto Gil e, em 2019, o título será disputado com o enredo “Vai Vai, O Quilombo do Futuro”,

cantando a identidade negra por meio de suas lideranças históricas e fazendo um elogio às lutas e conquistas.

- 40 Na zona leste da capital, a Príncipe Negro também é ícone de valorização da população negra. Segundo Rossimara, sua presidente, a escola é palco de palestras e encontros que debatem a questão racial brasileira, organizadas, geralmente, por voluntários que se identificaram com o nome e proposta da escola. Em entrevista, a presidenta afirma que cerca de 90% dos integrantes da entidade são negras e negros.
- 41 No interior paulista, a Estrela D’Oriente faz um papel de apoio ao movimento negro de Barretos. Inclusive, o “Conselho de Participação do Negro já fez muitos eventos em nossa sede”, informa Coriolano, vice-presidente da entidade (Coriolano, vice-presidente da Estrela D’Oriente. Entrevista realizada em 04/10/2018). Somado a isso, a sede social promove bailes de samba-rock e noites “flash-backs” (com músicas dos anos 70, 80 e 90), eventos muito procurados pelo público negro da cidade.
- 42 Para além do carnaval, nesse sentido, as escolas são bases de sociabilidade de grupos marginalizados historicamente, que se apropriam de suas sedes como um espaço de lazer e encontro; espaços onde fortalecem os laços sociais locais, dando condições para criarem, mesmo que seja durante as repetições dos sambas-enredos no desfile, outras narrativas possíveis sobre seus mundos e suas vidas.

Devoções

- 43 Não de agora, as escolas de samba usufruem de uma proximidade com as diversas devoções. Os grupos precursores como os cordões, os sambas de bumbo, os sambas-lenço, os ternos de congo, as congadas, moçambiques, por exemplo, que também constituem uma certa herança musical, eram organizados tendo em vista a veneração a santos como São Benedito e Santa Ifigênia (Gomes & Pereira, 1988b:176). Alguns pesquisadores, considerando a musicalidade e os contextos políticos e de sincretismo, chegam a defender que esses grupos antecedentes são evidências da continuidade das matrizes africanas (Souza, 2002:17-24) e, assim como o carnaval se tornaria mais tarde, eram fontes de diversão de paulistanos e paulistas (Mota, 2003).
- 44 Em se tratando de religiões como candomblé, Madrinha Eunice, fundadora da Lavapés, é um bom exemplo para pensar como essas crenças estavam presentes no cotidiano das escolas. Mãe-de-santo que era, chegava a utilizar poderes mágicos para proteger sua escola durante os concursos contra as concorrentes, postura que misturava devoção e competição em uma gramática de práticas e significados (Silva, Azevedo et al., 2004).
- 45 Jair Santos, presidente da escola Em Cima da Hora Paulistana, entidade da zona sul da capital, por ser também sacerdote, realizava uma oração em yorubá antes de todos os ensaios da bateria – prática que não ocorre mais por conta do receio que ele tem em dar mais evidência a uma crença em detrimento de outras. Luiz Antônio, diretor da Isso Memo, do bairro Parque Peruche, afirma que existe uma multiplicidade de pertencimentos que faz com que as devoções entrem em contato no cotidiano de uma escola.

Eu também não sei avaliar quanto, mas tem tudo a ver também com o bairro, a maior parte da população negra e religiões de matrizes africanas, cê tem a influência aqui, né, nessa região. Basicamente, no meu caso, eu sou Católico Apostólico Romano, mas na maior parte, na infância, eu fui pra esse caminho com a minha mãe. Mas quando apertava um negocinho eu ia procurar, tomar um passe,

sabe? E, então, quer dizer, a gente tem um pouco de crença nessas religiões que estão mais perto do que a gente pensa. Então, eu vejo isso aqui no bairro. A grande maioria da população que frequenta a Isso Memo, a grande maioria ali, tem uns terreiros pra cima e pra baixo (...), então, é bastante (...). (Luiz Antonio, diretor da Isso Memo, de São Paulo. Entrevista realizada em 14/08/2018)

- 46 A pesquisadora Olga von Simson já apontava isso em seus estudos (2007). Catolicismo, candomblé, umbanda e até mesmo igrejas evangélicas são frequentadas por sambistas. Escolas mais próximas a Aparecida do Norte, cidade que sedia a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, a santa negra católica considerada padroeira do Brasil, podem ser formadas majoritariamente por católicos. Yran César, ex-presidente da Embaixada do Morro, de Guaratinguetá, corrobora com essa leitura.

Digo pra você que 98% católico. (...) É que na verdade aqui a gente tá do lado da cidade de Aparecida, então acho que isso influencia bastante também. Aqui é a cidade do primeiro santo brasileiro, Frei Galvão, então acho que tem uma ligação muito forte a isso também. (Yran César, ex-presidente da Embaixada do Morro, de Guaratinguetá. Entrevista realizada em 28/08/2018)

47

- 48 Outros dois exemplos interessantes para analisarmos essa dimensão são os casos da Unidos do Peruche e da Mocidade Alegre, escolas vizinhas no bairro do Limão, em São Paulo⁹. A Peruche manifesta claramente sua filiação às religiões de matrizes afro-brasileiras

(...) nas festas organizadas durante o ano pela agremiação, nos sambas-enredos, no espaço físico da quadra e nos corpos e visão de mundo dos próprios frequentadores da escola. Exemplos disso, na Unidos do Peruche, foram festas realizadas para São Cosme e Damião; a missa “afro-católica”; as lavagens da quadra feitas pelas baianas (com ervas sagradas e água de cheiro); os assentamentos e altares dentro da quadra; as guias e contra-eguns usados por alguns participantes; os banhos e outras práticas religiosas de proteção individual realizadas por muitos componentes; as defumações de proteção, oferendas e pedidos dirigidos aos orixás antes do desfile; as diversas explicações espirituais para acontecimentos que envolvem o carnaval, entre outras coisas. (Azevedo, 2003:43)

- 49 Já a Mocidade é exemplar para observarmos o quanto a diversidade devocional brasileira e suas dimensões sincréticas podem estar em relação dentro de uma escola de samba e em seu cotidiano. A escola, “(...) além de realizar missas católicas dentro da quadra, possui um outro ritual religioso (...), uma “lavagem” da quadra de ensaio semelhante à já consagrada lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim, realizada em Salvador. Com ervas sagradas, as baianas benzem a quadra e “lavam” qualquer mal que estiver no ambiente, levando-o para fora da escola” (Azevedo, 2003:48). Além disso, quem visita a quadra da Mocidade pode ver uma imagem de Nossa Senhora e de um São Jorge logo na entrada e outra imagem de São Jorge no quarto destinado aos instrumentos e materiais da bateria. Um dos integrantes da diretoria da escola, segundo relatos colhidos entre 2001 e 2003, acendia uma vela toda semana para o santo guerreiro protetor.
- 50 Outras figuras sagradas são comuns em homenagens nas sedes sociais e nos desfiles, principalmente as que possuem leituras sincréticas como São Cosme e Damião (Ibejis, Erês), Nossa Senhora da Conceição (Iemanjá) e o próprio São Jorge (relacionado a Ogum), bastante venerado pelos sambistas.
- 51 Vale ressaltar que São Paulo possui uma peculiaridade nos desfiles de carnaval. Antes da entrada das escolas na chamada “passarela do samba”, até pelo menos 2017, os afoxés Filhos da Coroa de Dadá e Iyá Ominibú, formados por iniciados no candomblé, cantam e

dançavam cantigas de devoção aos orixás, abrindo o carnaval do Sambódromo ao som de agogôs, atabaques e chocalhos, “lavando espiritualmente” o espaço, abençoando e animando a pista pela qual as escolas passarão. Em entrevista¹⁰, o yalorixá Ludi Di Nanam, líder do Filhos da Coroa, que desfila há cerca de 30 anos nos dias de Momo, afirma que enxerga a oportunidade como um modo de lutar pelo respeito à diversidade religiosa.

- 52 Somado a isso, além de certos enredos retratarem temas religiosos, todas as escolas possuem como uma de suas importantes figuras as baianas, em clara homenagem às mães-de-santo. A presença dessa ala feminina seria uma alusão às Tias do samba, representadas no grau máximo pela carioca Tia Ciata, que, além de liderar espiritualmente os sambistas, proporcionava grandiosas noites de samba. O posto, em algumas agremiações, inclusive, é ocupado por sacerdotisas que tomam a responsabilidade de proteção espiritual de todos os integrantes e do desfile.

Futebol

- 53 Uma terceira dimensão da sociabilidade que atravessa o universo do carnaval das escolas de samba paulistas é o futebol. Atualmente, as escolas ligadas a torcidas de times como Corinthians (Gaviões da Fiel), Palmeiras (Mancha Verde), Santos (Torcida Jovem) e São Paulo (Dragões da Real e Independente Tricolor) vêm ganhando cada vez mais projeção, mas essa relação entre escolas de samba e futebol não é nova. Não seria um acaso a mesma população negra e pobre que funda escolas de samba, mas que joga bola aos fins de semana nos campos de várzea, criar formas de interação entre essas duas formas de lazer. Evidentemente, as chamadas “escolas de torcida”, hoje em dia, são muito mais relacionadas ao cotidiano dos times e investem mais nas formas de torcer. Mas, há muito tempo, o futebol já era pretexto em São Paulo para fazer samba para valer, e vice-versa.
- 54 O Vai Vai, por exemplo, foi criado, em 1930, a partir de um grupo ligado ao Cai Cai, time de futebol amador da região do Bixiga. Escolas mais recentes também nasceram dessa maneira. A Príncipe Negro foi fundada em 1964 na região da Vila Alpina (antes de migrar para a Cidade Tiradentes), ideia dos próprios jogadores do time de mesmo nome. Valença de Perus, extremo oeste da capital, segundo seu presidente Cláudio de Messias, foi organizada a partir de convites a “(...) pessoas para participar do futebol e outras pessoas que gostavam de samba” (Cláudio Messias, presidente da Valença de Perus. Entrevista realizada em 24/08/2018). Caso análogo à fundação da Isso Memo, que começou como um time de futsal, que agregava pessoas que gostavam tanto de jogar quanto de batucar: em 2007, quando se decidiu criar a agremiação, até o prestígio do time foi retomado. Para Cláudio Scabin, presidente atual, essa ligação é tão forte em São Paulo que chega a afirmar que não conhece “uma escola daqui (...) que não tenha um time de futebol” (Cláudio Scabin, presidente da Isso Memo. Entrevista realizada em 14/08/2018).
- 55 Não parece ser diferente no interior. Em Guaratinguetá, a Embaixada do Morro chegou a dividir a sede social com o Pedreira Futebol Clube, time de várzea que leva o nome do bairro onde a quadra se encontra, sendo que até hoje muitos de seus dirigentes fazem parte da diretoria da escola ou pelo menos desfilam no carnaval.
- 56 No Rio de Janeiro, fazendo um exercício de comparação, essa proximidade não é tão comum ou explícita. A escola São Clemente até é um exemplo de entidade que tem origem em um time de futebol, que ficava na região da Cidade Nova, zona sul, mas aparenta ser uma exceção. Em visitas a escolas cariocas e durante conversas informais, ouvimos que no Rio essa relação entre agremiações de samba e futebolísticas, quando aconteceu, acabou

não sendo tão forte ou privilegiada. Recentemente, foram criadas duas entidades, uma ligada ao Flamengo e outra identificada com o Botafogo, desfilando em grupos ínferos e ainda na busca pelo primeiro título expressivo.

- 57 Essa articulação entre samba/carnaval e futebol em solo paulista tem se mostrado de grande ganho para as entidades por servir, em certa medida, a uma rede mais ampla de apoio e cooperação. Mancha, Independente, Dragões e Gaviões, como exemplo máximos, aproveitam uma estrutura de associação de torcedores e de sedes espalhada por amplo território no estado, facilitando o engajamento dessas pessoas como foliãs no carnaval.

Seguindo a cadência, enfrentando a garoa

- 58 Compreender mais de perto o amplo universo de práticas de samba e carnaval possibilita desvelar formas de expressão, saberes e fazeres, conhecimentos e técnicas, e mesmo modos de vida e socialização que são transmitidos de geração em geração e entre grupos, e que articulam diferentes dimensões do viver.
- 59 Observar a vivência do carnaval em articulação com a religião, com o futebol e com outras atividades de engajamento, como a luta de movimentos de conscientização das questões raciais, aparece como caminho interessante para a investigação dessa manifestação, que se realiza para muito além dos sambódromos e de maneira entrelaçada e quase inseparável de outros planos da vida social. As escolas de samba são espaços de construção de modos de vida específicos, de articulação de saberes, de experimentação de práticas de negociação, de resistência e afirmação de identidades e, ainda, de visibilização, muitas vezes de maneira jocosa, de questões candentes e caras aos grupos que delas participam.
- 60 Olhar de perto o universo multifacetado das escolas de samba, vislumbrado neste artigo apenas de relance, pode abrir portas para o entendimento de formas de experimentar e negociar os usos da cidade, com tensões, disputas e conflitos dos mais diversos. Nesse sentido, estudar essas relações pode contribuir para identificar e reconhecer discursos e engajamentos desses sujeitos que têm o território paulista como uma de suas inspirações ou palco de resistência e enfrentamentos.
- 61 Como atesta o presidente da Em Cima da Hora, Jair Santos, as políticas públicas voltadas para o carnaval das escolas de samba, tratado aqui como nó articulador de uma rede de relações e práticas, ainda são frágeis e inconstantes, e se constituem muito mais como políticas de governo, e não políticas de estado.
- (...) depende da gestão que tá no poder. Tem gestão e tem gestores. Mas, num todo, num geral, vou falar pra você, a gente, eu, Jair, como sambista, eu me sinto assim como se o poder público não me enxergasse, o poder público não enxerga. Eles, simplesmente, acham que somos um bando de negrinhos fazendo barulho de bumbo, só isso. Eles não nos enxergam como cultura. (Jair Santos, presidente da Em Cima da Hora. Entrevista realizada em 23/08/2018).
- 62 Desta maneira, é o próprio engajamento e, por que não, atitude de resistência cíclica e contínua desses sambistas que garantem anualmente um espetáculo a céu aberto. Sambar é lutar, refletir sobre seu lugar na sociedade, é torcer e é rezar. E as escolas exploram essa rede e todas as suas potencialidades acumuladas em anos de resistência em busca do título de campeã do carnaval ou mesmo na luta por algo mais singelo, mas do mesmo modo envolvente e repleto de sentido e força. Pois, como Maria Laura Cavalcanti lembra,

um “samba gostaria de repetir a si mesmo eternamente, de ser ouvido para sempre” (Cavalcanti, 2015: 59).

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Claudia Regina. Religiões afro-brasileiras e africanidades culturais: Exu e Ogum no terreiro de samba: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ARAÚJO, Eugênio. Não deixa o samba morrer: estudo histórico e antropológico sobre o Carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: EDUFMA, 2001.
- AZEVEDO, Clara de A. Fantasias negociadas: políticas do carnaval paulistano na virada do século XX. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.
- BARBIERI, Ricardo J. O. Cidade do Samba: do barracão de escola às fábricas de carnaval. In: CAVALCANTI e GONÇALVES, R (org.). Carnaval em múltiplos planos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- BARONETTI, Bruno Sanches. Transformações na Avenida. História das escolas de samba na cidade de São Paulo (1968-1996). São Paulo: Liber Ars, 2015.
- BELO, Vanir de Lima. O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.
- BLASS, Leila Maria da Silva. Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval. São Paulo: Annablume, 2007. _____. A dimensão pedagógica da Embaixada do Samba. Ponto-e-Vírgula : Revista de Ciências Sociais, [S.l.], n. 10, mar. 2013. ISSN 1982-4807. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13899>>. Acesso em: 29 out. 2018.
- BRAIA, Ana (org). Memórias de Seu Nenê da Vila Matilde. São Paulo: Lemos, 2000.
- BRITTO, Ieda Marques. Samba na cidade de São Paulo (1900-1930). São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- BUENO, ARTHUR. Embaixadores do Samba: O Carnaval de São Paulo na Memória da “Velha-Guarda”. Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto “Do Afro ao Brasileiro - Religiões Afro-brasileiras e Cultura Nacional” coordenado por SILVA, Vagner Gonçalves e AMARAL, Rita. Relatório de Iniciação Científica (circulação restrita), 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994.
- _____. A cidade e o samba. Revista USP, número 32, São Paulo, 1996/97.
- _____. O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- _____. Festa e Contravenção: os bicheiros no carnaval do Rio de Janeiro. In:

- CAVALCANTI e GONÇALVES, R. (org.) *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro, Aeroplano: 2009.
- CONTI, Lígia Nassif. *A memória do samba na capital do trabalho: os sambistas paulistanos e a construção de uma singularidade para o samba de São Paulo (1968- 1991)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - FFLCH, USP, São Paulo, 2015.
- CRECIBENI, Nelsinho. *Convocação Geral a Folia está na rua: O carnaval de São Paulo tem história de verdade*. São Paulo: Artífice Editorial, 2000.
- CUÍCA, Osvaldinho da, DOMINGUES, André. *Batuqueiros da Paulicéia. Enredo do Samba de São Paulo*. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- DOZENA, Azevedo. *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. São Paulo: Polisaber, 2012.
- ERICEIA, Ronald Clay dos Santos. *Haja Deus! A Flor do Samba no Carnaval da Atenas brasileira*. São Luis: Fundação Municipal de Cultura, 2006.
- GUTERREZ, Liliane Stanisçuaski. "Sou Imperador até morrer...": um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.
- JESUS, Edson Roberto de. *Herança de resistência: terreiros e comunas na pauliceia desvairada... e o samba continua*. 2017. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- KOWARICK, Lúcio (org.). *São Paulo passado e presente: As lutas sociais e a cidade*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49, junho, p. 11-29. 2002
- _____. *Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetões, construindo circuitos*. *Anuário Antropológico*, II | 2013, 53-72.
- _____. *O Circuito: proposta de delimitação da categoria »*, *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014.
- _____ & Torres, L. (orgs.). *Na Metrópole – textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- MANZATTI, Marcelo Simon. *O samba paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo do samba de bumbo ou samba rural paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2005.
- MARCELINO, Márcio Michalczuk. *Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2007.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980*. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 9-28, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862016000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862016000100002>.
- MENEZES, Hugo. *Tem samba na terra do frevo! Um olhar antropológico sobre as escolas de samba do Recife*. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.
- MORAES, Wilson Rodrigues. *Escolas de samba de São Paulo (capital)*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.

MUNIZ, J. Júnior. Panorama do Samba Santista: documentário folclórico e carnavalesco. Santos: Impress e Cia. Lithographica Ipiranga, 1976a.

___Do Batuque à Escola de Samba. São Paulo: Símbolo, 1976b.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. Geografia do turismo na cultura carnavalesca: o sambódromo do Anhembi. São Paulo: Paulistana Editora, 2007.

OLIVEIRA, Kelly Adriano. Entre o lúdico e a luta: Leandro de Itaquera, uma escola de samba na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

PEREIRA, B. R. S. Cartografias cruzadas: os caminhos do samba e os traçados do Plano de Avenidas (1938-1945). 170 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura P. Da definição do Carnaval. Cadernos, São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1a série, n.11, setembro, 1978a.

___Carnaval brasileiro - O vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Universidade Federal do Paraná, 2008.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3. Ed. Studio Nobel: Fapesp, 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves, AZEVEDO, Clara et al. Madrinha Eunice e Geraldo Filme: memórias do carnaval e do samba paulistas. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Artes do Corpo* (Memória afro-brasileira, vol.2). São Paulo: Selo Negro, 2004.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Brancos e negros no carnaval popular paulistano (1914-1988). Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1989

___A Burguesia se diverte no reinado de momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1855-1915). Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

___Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SOARES, Reinaldo da Silva Soares. Vai-Vai: o cotidiano de uma escola de samba. Rio de Janeiro: Booklink, 2006.

URBANO, Maria Aparecida. Sampa, Samba, Sambista: Osvaldinho da Cuíca. São Paulo: Edição do autor, 2004.

___Carnaval e Samba em Evolução na Cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Plêiade. 2005.

___& NABHAN, N. & SANTOS, Y. L. Arte em desfile: escola de samba paulistana. São Paulo: Edicon. 1987

Relatórios Técnico-Científicos

AZEVEDO, Clara de A. & GABRIEL OLIVEIRA, Felipe. et alli. “Estudo do Carnaval Paulista como patrimônio cultural imaterial do Estado de São Paulo.” Relatório de circulação restrita. Tomara! Educação e Cultura. São Paulo, 2018.

AZEVEDO, Clara de Assunção. A presença das religiões afro-brasileiras no cotidiano da cultura nacional: Capoeira e Agremiações Carnavalescas. Relatório de Iniciação Científica. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.

____. Religiões afro-brasileiras e Carnaval em São Paulo. Relatório de Iniciação Científica. São Paulo: FFLCH-USP, 2003.

Outros documentos

Prefeitura de São Paulo: Relatório do grupo de trabalho (Portaria 756/07), 2007.

São Paulo Turismo: Censo sobre as Escolas de Samba produzido pelo Observatório de Turismo de São Paulo, 2010.

Sites visitados

<http://brasilcarnaval.com.br>

<http://www.capital.sp.gov.br>

<http://www.ligasp.com.br>

<http://superliga.areon.com.br>

<http://www.sasp.com.br>

www.spturis.com

<http://www.uesp.com.br/>

<http://www.anhembi.com.br>

<https://www.revive.com.br/noticias/curiosidades/escola-de-samba-em-ribeirao-preto-e-mais-antiga-do-brasil-em-atividade/>

<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/02/escola-de-samba-de-ribeirao-preto-luta-para-manter-tradicao-desde-1927.html>

<https://bambasribeirao.wordpress.com/historia-da-escola-de-samba-bambas/>

<https://jovempan.uol.com.br/entretenimento/anhembi-dos-orixas-afoxe-vence-discriminacao-e-abencao-avenida-antes-de-escolas.html>

Entrevistas mencionadas

Silvio Moreira, presidente da Unidos de Quem Vier, de Presidente Prudente. Entrevista realizada em 28/08/2018 no âmbito deste estudo.

Yran César, ex-presidente da Embaixada do Morro, de Guaratinguetá. Entrevista realizada em 28/08/2018 no âmbito deste estudo.

Benedito Fernandes (Ditinho), presidente da X-9 Santista, de Santos. Entrevista realizada em 10/9/2018 no âmbito deste estudo.

Tica, presidente da Bambas, de Ribeirão Preto. Entrevista realizada em 11/09/2018 no âmbito deste estudo.

Rosimara Vieira, presidente da Príncipe Negro, de São Paulo. Entrevista realizada em 05/09/2018 no âmbito deste estudo.

Lucia, presidente da Os Bambas, de São Paulo. Entrevista realizada em 10/09/2018 no âmbito deste estudo.

Cláudio de Messias, presidente da Valença de Perus. Entrevista realizada em 24/08/2018 no âmbito deste estudo.

Cláudio Scabin, Luiz Antonio e Toninho, diretores da Isso Memo, de São Paulo. Entrevista realizada em 14/08/2018 no âmbito deste estudo.

Jair Santos, presidente da Em Cima da Hora. Entrevista realizada em 23/08/2018 no âmbito deste estudo.

Coriolano José Neves, vice-presidente da Estrela D'Oriente. Entrevista realizada em 04/10/2018 no âmbito deste estudo.

NOTAS

1. Essa proposta analítica vem já inspirando trabalhos acerca de diversos estudos sobre os carnavais de escolas de samba, espalhados por diferentes regiões do Brasil (Araújo, 2001; Ericeia, 2006; Guterrez, 1996; Menezes, 2014; Rodrigues, 2008; por exemplo), cada um enfatizando certa dimensão em decorrência do interesse de pesquisa.
2. Para uma delimitação mais específica dessas categorias, ver Magnani (2013; 2014).
3. São Paulo Turismo. Censo Samba Paulista, 2012.
4. Aqui, utilizamos o artigo no masculino para nos referir ao caso do Vai Vai por adotarmos uma forma êmica de mencionar a agremiação: é comum entre seus integrantes falar “o Vai Vai”, “ir ao Vai Vai”, “sou do Vai Vai”, por exemplo, em referência à época em que o grupo desfilava como cordão carnavalesco e mantinha relações também com um time de futebol de várzea, o que implicava o artigo masculino.
5. É importante notar a fragilidade desse levantamento, que, pela falta de registros oficiais ou outras pesquisas, utilizou enciclopédias coletivas online para organizar mínimas informações sobre a presença dessas manifestações em diferentes locais no país. Um levantamento mais preciso seria de grande utilidade e necessidade em um estudo mais aprofundado.
6. Algumas reportagens dão detalhes sobre desfiles de escolas no ano de 2016: por exemplo, “Carnaval em Campos do Jordão terá blocos e desfiles de bonecos”, disponível em <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/carnaval/2016/noticia/2016/01/carnaval-em-campos-do-jordao-tera-blocos-e-desfiles-de-bonecos.html> (Acesso em 04/09/2018, às 9h20), o carnaval de 2016 contou com apresentações das Escolas de Samba do Britador e da Vila Santo Antônio.
7. Informações colhidas a partir do site Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_escolas_de_samba_e_blocos_carnavalescos_do_Rio_de_Janeiro e https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_escolas_de_samba_do_Brasil. Acesso em 11/10/2018, às 16h31.
8. Mensagem no grupo de discussão da SASP, escrita no dia 29 de maio de 2002, com o título: Minha quadra, minha casa (Azevedo, 2003:13).
9. Sobre a relação do Vai Vai com as religiões afro-brasileiras ver: Alexandre, Claudia Regina - “Religiões afro-brasileiras e africanidades culturais: Exu e Ogum no terreiro de samba – O candomblé na Escola de samba Vai-Vai”. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. PUC-SP, 2017
10. Informações coletadas no link <https://jovempan.uol.com.br/entretenimento/anhembi-dos-orixas-afuxe-vence-discriminacao-e-abencao-avenida-antes-de-escolas.html>. Acesso em 14/09/2018, às 09:31.

RESUMOS

O objetivo do artigo é refletir sobre relações de sociabilidade vivenciadas por integrantes de escolas de samba de São Paulo, sobretudo da cidade, mas também do estado, que se manifestam primordialmente na organização do carnaval (antes, durante e depois), mas que conectam outras práticas, espaços e territórios. Pretende-se apontar algumas pistas e perspectivas sobre a proximidade entre práticas religiosas, esportivas, políticas e de lazer e o ciclo anual da Festa de Momo. Sugere-se, assim, uma abordagem do rito carnavalesco relacionado a outros âmbitos da vida social de seus integrantes e uma leitura dessa manifestação em São Paulo, especialmente na capital.

The main goal of this article is to think about social relationship experimented by members of Escolas de Samba (Schools of Samba), especially in São Paulo but in the State as well, relationship which appears mainly in the Carnival organization (before, during and after of it), but connect other achievement, spaces and territories. One intend to point out some clues and perspectives which could link religious uses and habits, sports, policies and simple leisure with annual Momo Traditional Feast. In this way, one could suggest a Carnival Ritual approach related to other fields of its members social life and a new reading about Carnival expression especially in São Paulo capital.

ÍNDICE

Palavras-chave: carnaval, escolas de samba, São Paulo, sociabilidade

Keywords: carnival, samba schools, São Paulo, sociability

AUTORES

CLARA DE ASSUNÇÃO AZEVEDO

Mestre em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (PPGAS-USP) e bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição (FFLCH-USP), em seu mestrado focou as relações entre as escolas de samba e o poder público na organização do carnaval de São Paulo. Participou de pesquisas de campo variadas entre 2001 e 2017. Coordena o desenvolvimento de projetos e pesquisas nas áreas de patrimônio cultural e memória.

FELIPE GABRIEL OLIVEIRA

Mestrando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), bacharel em Ciências Sociais (FFLCH-USP) e pesquisador do Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras (CERNe-USP) na mesma instituição, desenvolve, atualmente, pesquisa sobre carnaval, transmissão de conhecimento, profissionalização e casais de mestres-salas e porta-bandeiras em São Paulo (SP).